

A cultura do Planalto

O presidente Sarney parece mais disposto a apostar numa candidatura à sua sucessão do que permanecer omissor. No começo da semana animou a quem esteve com ele nesse tipo de abordagem. O senador Marcondes Gadelha foi um deles, que logo em seguida a uma conversa com o presidente telefonou ao ministro Jáder Barbalho para pedir-lhe que passasse a articular uma candidatura de centro.

O raciocínio palaciano não difere do de outros analistas em relação ao tema sucessório: a candidatura Leonel Brizola toma a dianteira não pelos seus próprios méritos, mas pelo fenômeno da automatização das forças de centro que dispõem de mais de cinquenta por cento de apoio eleitoral. A síndrome do fracasso subiu à cabeça do PMDB e do PFL, os dois maiores partidos em estrutura, mas os menores em convicção quanto às suas possibilidades.

Antes disso, porém, Sarney terá que buscar a reintegração das forças que compuseram a Aliança Democrática, o que é tarefa complexa. Para esse objetivo não leva grandes trunfos, a não ser a representatividade dos moderados no conjunto do PMDB — cerca de quarenta por cento de votos — e segmentos do PFL — os “macielistas” —, do PDS, PTB e pequenos partidos adesistas. Mas ainda que conte com essa massa política significativa, será preciso ter à mão um candidato com cara de centro, e jeito de vitória.

Amanhã, em Brasília, o ministro Íris Rezende abre seu escritório de campanha, pa-

ra tentar ser o nome do PMDB-2 e do agrupamento centrista. Hoje também estará em Brasília o ex-ministro Aureliano Chaves, para depor na Comissão de Fiscalização e Controle da Câmara, com características formais de um candidato centrista e liberal, bem ao gosto de um eleitorado que não busca aventuras e sim a solidez de posições, coerência de atitudes e nitidez ideológica. Aureliano ainda está à disposição dos que querem fazer renascer o espírito da Aliança Democrática, menos, evidentemente, o grupo “macielista” do PFL, os progressistas do PMDB, e algumas facções do PDS que preferem migrar para a vala do brizolismo.

A perspectiva de um candidato centrista ainda animará também Jânio Quadros, que da Europa preocupa-se noite e dia com o que se passa no Brasil, bem informado e bom informante. Jânio pretende candidatar-se a esse lugar no coração da classe média, indecisa entre o realismo e a aventura. Finalmente, além de Íris, Aureliano e Jânio, o governador Orestes Quércia estará vigilante, dia após dia, ao estado de erosão da candidatura Ulysses Guimarães. Ele seria o candidato ideal, com cara e jeito de centro, e imagem de ganhador. Resta saber se largará o certo pelo incerto como na música popular, e o Brasil hoje parece ser o avesso do avesso. Quércia, pelo menos, tem o Memorial da América Latina para fazer prosa internacional. Mas acaba na cultura do Planalto.